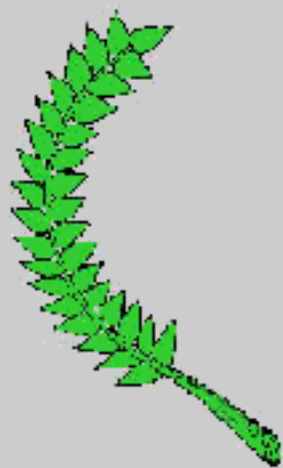
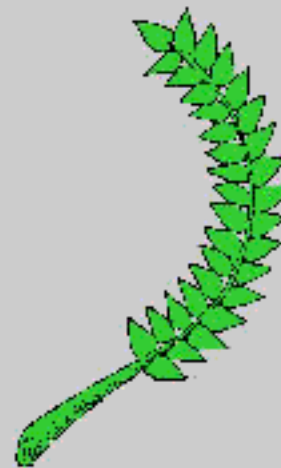


Edição Bilingüe

Arte Literária



Cielorrasos



Poesias

Gito Minore

Uma edição eletrônica não-comercial da



Cielorrasos

(Poesias - Edição Bilingüe)

Gito Minore

Traduções para o português:

Cleidiner Ventura

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



André Carlos Salzano Masini

Copyright © Gito Minore, 2004

Tradução para o Português:
Copyright © Cleidiner Ventura, 2004

Data desta edição: 01/11/2004

Os direitos de todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados a seu autor, e estão registrados e protegidos pelas leis do direito autoral. Esta é uma edição eletrônica (e-book) não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. **Este exemplar de livro eletrônico pode ser duplicado em sua íntegra e sem alterações, distribuído e compartilhado para usos não comerciais, entre pessoas ou instituições sem fins lucrativos.** Nenhuma parte isolada deste livro, que não seja a presente edição em sua íntegra, pode ser isoladamente copiada, reproduzida, ou armazenada em qualquer meio, ou utilizada para qualquer fim. Este livro eletrônico não pode ser impresso. Os direitos da presente edição permitem exclusivamente a leitura através de algum programa de leitura de arquivos PDF. Quaisquer dúvidas podem ser esclarecidas através do e-mail contatos@casadacultura.org

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



Prefácio desta Edição

Naquele dia, como em tantos outros dias, abri alguns e-mails de pessoas desconhecidas para dar uma rápida olhada em seus textos e poemas. Eventualmente cheguei a um poema chamado *Para quando chegar o fim*, de um certo autor argentino de quem eu jamais ouvira falar, um tal de Sergio (Gito) Minore.

Li os primeiros versos e, de súbito, percebi que estava diante de uma obra que transcendia o habitual. Uma pergunta existencial, proposta em belíssima imagem lírica, atraiu magneticamente minha atenção e meu sentimento estético:

E se só restar o silêncio/ da insônia de uma calha/ que não se cansa de gotejar?

Segui lendo o poema, absorvendo verso a verso, e mergulhando naquela indagação sobre nossa existência e o fim dela, e sobre o sentido de tudo isso...

E o autor seguia em frente, sempre com novas imagens de excepcional sensibilidade e inspiração, falando das frustrações da superfluidade da Vida...

E se este coração/ dormir anestesiado/ e sentido-se supérfluo/ bater de vagar/, chorando uma falsa lágrima/. E se só restou para desfrutar/ esta paz de soníferos/ este canto tedioso/, esta monótona melodia...

Agora a poesia havia me absorvido inteiramente. Eu escutava com meus próprios ouvidos as gotas caindo da calha, caindo sem parar, e sentia em meu próprio corpo a noite mal dormida... eu cada uma daquelas perguntas ressurgia em minha mente, como se a vida de quem as escrevera fosse a minha própria vida...

E enquanto tudo isso passava, eu esperava... esperava com ansiedade cada vez mais forte... esperava que o poema talvez reservasse, talvez tivesse guardada... uma resposta!

E o poema seguia, com mais imagens, aproximando-se do fim...

Para quando chegar o fim

O fim da vida... o fim do poema...

E chegou ao fim de forma magistral! Sem saídas fáceis, sem demagogia, mas também sem desesperança, sem cinismo nem sadismo, e sem niilismo...

Magistral!

Eu demorei uns bons minutos em silêncio para assimilar a poesia...

Então reli o nome do autor, de quem eu nunca ouvira falar: *Gito Minore*. Percebi que estava diante de uma Grande Obra e de um Grande Poeta, entre os melhores que tenho lido. Obra e Poeta que mereciam e justificavam todo empenho de divulgação por parte da Casa da Cultura. Percebi que os trabalhos desse escritor seriam um magnífico presente para todos nossos assinantes, leitores e visitantes...

Contactei Gito, manifestei nossa intenção de divulgar suas obras e fiz o convite para publicarmos um ou mais e-books. Ele gostou da idéia... e aqui estamos nós.

E este é o primeiro e-book do que eu espero seja uma série. Temos intenção de em breve publicar também o livro de poesias "Flores Cohibidas".

Esta edição foi organizada com a tradução completa em português posicionada antes; e o original em espanhol completo, depois.

André Masini
Diretor Geral da
Casa da Cultura

Tradução para o Português

CÉU FECHADO

GITO MINORE

Tradução:
Cleidiner Ventura - Brasil

“A infelicidade do homem se baseia em uma só coisa: Ele é incapaz de ficar quieto em sua casa.”

Blas Pascal

PRÓLOGO

Os poemas contidos nesse livro foram escritos entre 1997 e 1999. Foram, originalmente publicados em um compêndio independente chamado “Cielorrasos”, - Céu fechado - editado entre Outubro de 1998 e Julho de 1999, e contou com oito números mais dois especiais(“algo a cerca da paz e Perdidos em um paraíso”).

Dos 66 poemas de mencionada coleção, 22 formaram “Fuego en el pecho”- Fogo no peito, 18 estão nessa edição e o restante é patrimônio do ouvido.

Compartilho com vocês, amigos leitores, esta primeira edição eletrônica de um livro de minha autoria.

Agradeço sua leitura e difusão.

Gito Minore- Abril 2004

AUTO - RETRATO

Sou só o que se fecha em ciúme
Entre quatro paredes de meu inferno:
Um solitário angustiado,
atormentado pela nuvem
que olha onipotente
do alto desse céu fechado.

AGORA

Agora que todos os caminhos
desembocam na boca do lobo
que é esse desespero
egoísta e mesquinho.
Agora que todas as paredes
exalam indiferença.
Agora que nenhum santo quer
Que lhe acendam uma vela.
Agora que o coração grita
E que as entranhas lamentam.
Agora que ficamos
Sem asas que voem alto.
Agora que o destino
se voltou nu
e lhe roubou a Deus
os óculos negros,
deixando descoberto
que - sem lugar a dúvidas –
seus olhos tem cataratas.
Agora que já não somos um.
Agora que nos é impossível
Chorar, tanto quanto rir,
Já que o sorriso cessou.
“Haciendo dedo a mitad de ruta.”
Sem dinheiro e aterrorizada
Pela noite.
Agora que empenhamos
O último suspiro d'alma
Por um pedaço de carne
Meio assada.
Agora que não nos salva
Nem a magia nem a poesia,
Nem o calor que desprende
O corpo do inimigo
Dormindo a nosso lado.
Depois de uma noite de agitação.
Agora que não somos um,
E sim dois pares de pernas
Que caminham sem rumo
Pela obscuridade de Buenos Aires
E não se cruzam
Nunca, jamais.
Agora que a segurança
É uma assassina solta
Que viaja em bando
Sentando a nosso lado.

Agora que descobrimos
Que os catequistas
Ficaram tímidos
Com essa fantasiosa
Imagem do inferno
Que quiseram nos inculcar.
Agora que avaliamos
Ao preço de plumas
O peso que carregamos
nas costas.
Agora que ninguém da
Um centavo por uma de nossas canções
E que sabemos que tudo
o que alguma vez tememos
se tornou realidade.
Agora que somos quase humanos
Eu me pergunto, alma minha,
Existe ainda a esperança
De algum dia encontrar o caminho
Que nos devolva o paraíso
De onde fomos seqüestrados?
Ou é só o início
Dessa tragédia
Que se inicia
E que muitos se deleitam
Chamando-a de vida.

ALMA

Voltou-se a uma passagem estreita
De ladrilhos desiguais
De paredes desgarradas
Pelo tempo e pela umidade.
Um lugar insolente para olhar,
Onde a chuva
molha as poucas plantas
que crescem
em velhas latas de tintas.
Voltou-se a uma passagem estreita,
Onde de vez em quando
-quando não lhe dói os rins –
uma velha senhora gorda
arrasta lentamente suas chinelas
para acender
uma velha lamparina
que dependura de uma teia de aranha negra
e logo volta à sua casa,
Incapaz de sentar-se um pouquinho
debaixo desse pequeno telhado,
que não a cobre da água.
Sentem vergonha em passar por ali
Até os ratos do galpão,
Até as traças, até a ferrugem
Que impregna o ar.
Tornou-se um lugar impróprio
Um deserto em pleno Buenos Aires,
Um buraco
Na parede da noite.
Tornou-se uma passagem estreita
Uma passagem que comunica
O fogo, doce fogo da inveja
Com uma casa tomada pelos ciganos,
Pois esse sim,
Nem sequer um deles
Anima-se a passar
Sequer correndo embriagado por ali.
Só de vez em quando,
A senhora gorda
Preocupa-se de ir
Acender a velha lamparina.;
Não vai ser coisa
Que queime
E que ninguém mais,
Nunca mais,
Sobre nenhum pretexto

Pode afirmar
Que essa passagem estreita
Alguma vez foi uma alma,
Minha alma.

DORMINDO TRANQUILAMENTE

Estava dormindo,
Placidamente dormindo.
Por isso não escutei
O ruído que fez
Dona Esperança
Arrumando as coisas da mudança,
Quando terminaram
O telhado de minha casa.
Estava dormindo,
Enquanto os demais
Saíam para trabalhar
Com os bolsos cheios
De malária.
Estava dormindo,
Porém não por preguiça,
O cansaço se notava
Depois de tanto tempo.
-por isso não me arrependo
Estava dormindo,
Quando derrubaram Cristo a tiros
E o venderam
Como troféu à NASA.
Estava dormindo,
Quando declararam
Impunes os abastados,
Anistia aos assassinos,
Livre sob fiança
Os opressores.
Estava dormindo
Quando Deus vagava
Por trás das estrelas
Buscando uma desculpa válida
Para começar o juízo final
E que não o termine
Com sua prisão.
Estava dormindo,
Enquanto mamãe
Trabalhava como escrava
Para pagar
O aluguel de minha cama.
Estava dormindo,
Enquanto papai embriagava-se
E masturbava-se assistindo a CNN.
Estava dormindo,
Eu não me arrependo
Merecia o descanso

Depois de tanto tempo.
Estava dormindo,
Enquanto bombardeavam o Iraque,
Enquanto a coca-cola
te mostrava um mundo
ao qual jamais vamos pertencer,
enquanto a alegria
estava livre
e fora do bairro.
Estava dormindo
E não me arrependo,
Tão dormindo
Como nunca estive.
Estava dormindo placidamente,
Dormindo profundamente.
E sonhando que voltavas para mim,
Coração,
E despertava-me de meu sonho
Aos gritos
- como é teu costume-.

O MORTO

Não cruzou a rua distraído,
Não desceu do trem em movimento.
Não abriu a geladeira
Com os pés descalços.
Não escorregou no banheiro.
Não se misturou ao tiroteio.
Não roubou nem foi roubado,
Nem refém, nem inocente.
Não se viu em nenhum ajuste de contas.
Não entregou sua vida por um ideal.
Não participou em nenhuma revolução.
Não foi Cristo, nem Judas,
Nem Barrabás, nem Madalena.
Não estava doente.
Não estava hospitalizado,
Nem em um asilo nem em casa de repouso.
Não tinha nem câncer, nem Aids,
Nem uma tosse nem angina.
Não comeu comida estragada.
Não foi infectado pela dengue.
Uma parede não lhe caiu em cima.
Não se afogou no rio.
Não se jogou do 10º andar.
Não ingeriu pílulas.
Não cortou os pulsos.
Não recebeu um tiro.
Porém todos sabiam
Que estava morto,
Já há muito tempo,
Quando o encontramos
Imóvel olhando pela janela
Fumando seu trigésimo nono
cigarro da noite,
sem lágrimas nos olhos,
sem sangue no corpo,
sem nenhum arranhão
e com o coração
ainda batendo.

IMAGENS CONGELADAS DE UM INVERNO UM TANTO FRIO

Um cachorro ressonando
Junto a sua cria
Na sala de espera
Do Hospital Santojani.
Um travesti salivando entre as pernas
Na portaria do hotel de luxo,
Antes de sair em busca
Do pão no caminho.
Um ônibus da linha 86
sendo saqueado
na estação do terminal às 2 da manhã.
Um cego cantando no trem.
Um boliviano cantando no trem.
Um aleijado cantando no trem.
As vozes no rádio e na televisão,
As mesmas vozes falando
Sempre do mesmo produto.
Um pivete entrando no quiosque da Cata
Para comprar 8 “Guaymallén” por uma moeda.
Uma mulher de um metro e cinquenta
Com o rosto vermelho e as mãos frias,
Indo para sua casa
Com três caixinhas de “ARIZU” em sua bolsa
Para cumprir suas ordens.
O sorriso do mundo
Os sorrisos do Dia dos Pais.
Os sorrisos de Natal, Ano novo e Reis Magos.
Uma menina de cabelos claros
Com uma pasta enorme
Descendo do ônibus
A meia quadra da Universidade da Matanza
Quatro ou cinco meninos com “flequillos”
Jogando o “metegol”
As cinco da tarde.
A mãe de Maria Helena
Mexendo a panela
Com arroz para a avó.
A fralda do neném feito um bolo.
A fralda do avô feito um bolo também.
As mesmas caras todos os dias
Descendo do trem e comprando “choripan”,
Atando os cordões, coçando a cabeça,
Perdendo o ônibus, esperando sentado no banco,
Esperando que feche o sinal,
Esperando novamente que desça
O Senhor envolto em raios de luz.

O tipo atrás do balcão,
vendendo o número de loteria
o tipo do outro lado
pagando o bilhete com o resto
de seu salário e de sua esperança.
O tipo atrás do altar
Convertendo um pouco de farinha e água,
Na carne do ressuscitado,
As senhoras de cabelos brancos
Na quarta fila observando o milagre.
As folhas secas de todas as árvores.
A porcentagem de umidade
Impregnando nas varandas
Pintadas com atimôfo.
O ferrugem, as teias de aranha
Obstruindo a visão do mundo
Em minha janela.
Etc...
Etc...
Etc...

SONÍFEROS

Deus está aborrecido,
Perambulando entre as estrelas
Sem saber o que fazer,
Suficientemente aborrecido
E prestando atenção
Ao aspecto lamentável de seu mundo.
Por isso não deu importância
Aos milhões e milhões de
Seres humanos
Que dia após dia se perguntam
Que caralho estão fazendo
Parados aqui.
Por isso não leu nos jornais
que a solidão
é a doença incurável
deste novo milênio.
Deus deve estar tão aborrecido
Distante de sua essência divina
Que até Ele deve ter problemas
De falta de personalidade.
Senão
Como deixa que tudo siga
Seu curso torpe,
Que os carros deslizem
Pelas avenidas,
Que a mulher à frente
Mova seu pezinho descalço
Sobre o caminho
Ao ritmo da canção.
“ O tédio da velharia”,
que as árvores cresçam
enquanto na casa vazia
a televisão não tenha
nada mais que desculpas
para oferecer
à juventude televisiva.
Pobre Deus
M compadeço,
Que triste e lamentável
É vê-lo envelhecer
Entre seus peidos
De estômago empachado e farto
Olhe se o aborrecimento
Não o tenha submetido
e aturdido
que acabou esquecendo qual era o sentido

de havê-los criado
por isso não se admire
se estás só buscando,
olhando pela janela
qual era a estrela
que nos guiaria em sua direção.
Quando o tempo de encontrar-nos
estiver terminado
E não a encontrar nos fios das constelações
Que teremos
Como céu escuro de nossa existência.
Eu tão pouco a encontro.
O pobre Deus
As remexer todas
Várias vezes,
Buscando sanar seu aborrecimento.
Tratando de encontrar
Onde deixou
As pílulas para dormir
Que perdeu por distração
Em uma dessas tardes eternas,
Faz tanto, tanto,
Tanto, tanto tempo.

DE FRENTE PARA O ESPELHO

Só
Supus saber
De onde provinha a tormenta
Feita de só de solidão,
De pedaços de cinzas,
De pratos sujos
E de algum gemido
Ressaltando na memória.
Feitas de solidão acompanhadas
De frios verões, invernos,
Primaveras, outonos e natais,
De sobras de comida
Do dia anterior.
Feito de solidão premeditada
De gritos, de espaços,
De silêncios, de respiração ofegante,
de corações quase parando,
de bolsas de plástico.
Feito de solidão imprevista,
De surdos como e quando,
De mudos porquês,
De ondas ausentes.
Feita de solidão,
Ao final e ao cabo,
O bem de desamor,
De desterro,
De desejos desamparados,
De promessas vãs,
Esterilizadas, esterilizantes.
Então
Não duvidou mais,
Compadeceu-se de si mesmo
E frente ao espelho
Chorou uma lágrima,
Uma boa lágrima,
Feita de puro egoísmo.

17 DE AGOSTO DE 1997

Esta manhã não há notícias,
Exceto que o céu está escuro
E que alguns pássaros
Todavia cantam.
É um 17 de agosto
Como qualquer outro.
Com algo de frio
De úmido,
Sem santo de espada,
Sem liberdade para ninguém
E sem ânimos de rebeldia.
Sobre os postes de luz
Os cabos balançam
E algumas gotas caem.
Não deixa de ser uma madrugada
Como qualquer outra,
Comum e silvestre,
Lisa e plana,
Sem sonhos,
Sem esperança,
Sem sangue derramado,
Com ondas
De dor na alma.
Exceto São Martim
Cumpriu mais um aniversário de morte,
Não há mais novidades
Nesta madrugada.
Só poderíamos entender
que ficamos um pedacinho mais roto,
um pouquinho mais sós,
um passinho mais perto
da beira do abismo,
pelo simples fato
de que mais um dia se passou,
nada mais que isso.

O EXPELHO DA ALMA

É certo,
Crescemos atemorizados,
Com tantos olhos vigilantes
A angústia soprou
sua brisa de carícia
sobre a pele enrugada
e era lógico.
Existiam tantos olhos
Observando-nos,
Que do mesmo desespero
Começamos sentir que eram
Cada vez mais.
Até as paredes pestanejavam,
Os pisos, as janelas fechadas,
As meia – luzes,
As garrafas sujas,
As pontas de todos os cigarros,
Vítimas da insônia.
Todos fixavam seus olhos
Com os olhos dilatados
Deslocados por sua fúria
Implacável,
Ecoando em nossos ouvidos
Seu riso dissonante.
É certo,
O terror se fez carne
E caía de maduro
Que nos fizemos lutadores
Infatigáveis na busca
De um pouquinho de paz
Que nos roubaram.
Voltamos aguerridos
Utópicos, obsessivos,
Paranóicos em sua busca.
É certo,
Vivemos atemorizados
Com tantos olhos vigilantes,
Parecia até natural
Que a violência finalmente
Nos envolvesse nos lençóis
Da torturante insônia de esperar
Que todos esses olhos
Ficassem cegos por um milagre.
E era lógico
Que semelhante dor nos encontre
Esperando as horas que esperamos

(que definitivamente não foram tantas,
somente as necessárias
para que fossem os nossos
os olhos a se fecharem).

OS AFORTUNADOS

A mãe noite nos pariu em penumbras,
E crescemos sob sua proteção.
Amamentou-nos até fartar
Fartando nossos lábios
e ouvidos com seu licor.
Fomos protegidos.
Com o tempo aprendemos
A aprender com a derrota
E a brindar por sua memória,
Durante os bons tempos.
Aprendemos a jogar o jogo até o fim,
A bebermos os “zanjones”
De gotas amargas
A não rezar nenhum Pai-Nosso.
E, mais de uma vez
Nos arremessamos cegos ao vazio,
Aprendemos a voar com cautela
Por isso nunca fomos pobres
Senão ricos em pobreza
Sobretudo desde o dia
que ficou gravada em nossa memória
que do chão não cai.
Quem de nós
Vai ousar alguma vez
Sentir-se desvalido?
Só quando o dia nascer
Nos veremos pele e osso,
Porém, à essas alturas,
Acostumados a dormir de dia.
Somos afortunados
A mãe-noite nos pariu em penumbras,
Nos beijou e nos abençoou
Com o vinho de sua sabedoria
E nos mandou andar pelo mundo
Vestido com a força de seu luto
Quem poderá reclamar
De agora em diante?
Somos afortunados.
Fomos protegidos
Desde o primeiro dia.

ALGO SOBRE A MORTE

Inventamos paraísos, purgatórios e infernos.
Inventamos reencarnações,
Inventamos cruzes, estrelas
E talismãs,
Onde depositar nossos medos.
Inventamos, inclusive,
Falar com os mortos,
Perguntar aos fantasmas
Como continuar com esse calvário.
Inventamos sofrimentos,
Pequenos e grandes sacrifícios,
Depois de saldar
Nosso próprio arrependimento,
A nossa falta de consciência.
Inventamos santos que dão pão e trabalho,
Ervas que nos abrem os caminhos,
Testemunhas de Jeová que nos mostram
Casas no meio da selva,
Com leões e ursos pandas,
Comendo em nossas mesmas mesas.
Inventamos louvores,
Milagres e ressuscitações,
Orações, canções,
Comunhões, perdões,
Bênçãos e unções,
Que nos levam a um caminho
De repressões, traições
E frustrações
Que supostamente nos conduzirão
A um lugar por trás das nuvens.
Porém não chegaremos muito longe
Percebe-se nosso subdesenvolvimento
E a falta de talento.
Todavia não teremos
A capacidade de imaginar
Um final semelhante,
A realidade que desconhecemos
E nos espreita implacável
A cada momento.

UM CIGARRO APÓS O OUTRO

A noite se apresenta úmida e pesada
Calando nos ossos d'alma
E parece mentira,
Sempre a mesma história.
Um cigarro após o outro
E outra vez a cena do reencontro
De minha falta de talento e de alimento
Unindo-se,
Para ver se juntas
Conseguem levar o barco adiante.
Putá miséria,
Desta vez roubaram os guias
De endereços de um bar aberto
Onde tomar um vinho
Neste labirinto sem saída.
Desta vez não fez falta
Alguém para nos indicar o caminho
Tão perdidos que estamos,
Foi mera intuição,
Costume dos longos anos
Que nossos pés já conhecem o caminho
Dessa maré eterna,
Da rota a deriva,
Do destino vão
Um cigarro após o outro
E outra vez a cena do reencontro
Dos meus olhos vazios e fixos
Na janela aberta,
- indiferente:
sempre a mesma paisagem de Buenos Aires,
sempre, sempre, sempre.

O MOTIVO DO MEU CANTO
(PORQUE EU CANTO)

Talvez porque o destino
Necessite de meu canto.
Talvez porque haja uma fome
Tão grande dentro desse inferno
Que nem o pão acalma.
Talvez porque vejo Buenos Aires
Amanhecer em desgraça,
Com a simples imagem
Dos fios nos postes
Cruzando o seu céu nesse inverno.
Talvez porque necessito crer,
Porque preciso de força
Para não dormir
Na cama do tédio cotidiano.
Talvez porque dependo
Do fluir dessas palavras
Para penetrar tua fortaleza
E alojar-me em teu coração.
Talvez porque seja o único remédio
Que me dá a chance
de chorar de amor.
Talvez porque sou tão medíocre
Que me apego nessas desculpas
Para não entrar
Na roda gigante da mediocridade
Vulgar e legalmente consentida.
Talvez porque não contraíam
os músculos de minh'alma
quando me nego a gritar
com a voz bem forte.
Talvez porque seja assim,
Simplesmente,
Porque se tornam indispensáveis estas palavras
Para mendigar com categoria
Um passeio pelas plantações de uvas do céu
E tomar ali, com Deus, uma e outra taça de vinho.
Talvez porque esteja abençoado
Ou amaldiçoado com este dom
Ou defeito.
Talvez porque, se não assim,
O restante da história
Não teria sentido.
Talvez por isso
E por outras coisas mais
É que eu canto,

Porque necessito muito mais
da dor de parir canções
do que necessitaria de carícias para alivia-lo.
Talvez porque o destino
Simplesmente colocou-me em seu caminho,
Porque precisava de meu canto
Para entretê-lo
E não tenho outro remédio.
Senão eu!

NÃO ESTÁS

A janela aberta
Desnudando a cidade
E seus tetos baixos.
As meia luzes
Decorando o ambiente
Onde sobrevivo.
A teia que sustenta,
do passado,
Meus sorrisos ,
minha juventude
A fumaça do cigarro
Corrompendo e impregnando
Minha prisão,
Minha coleção de clássicos de bolso
Com a nostalgia estranha
Consolando-me pelas noites.
A lembrança de seu beijo de despedida.
A tristeza que volta
para fazer sua morada
dentro do meu coração.
As paredes que me fazem dormir
Com seu sórdido murmúrio.
Minhas esperanças enterradas
Nas tumbas do passado.
E tudo o que já esqueci
Em um ato de audácia
De auto-piedade.

NÃO IMAGINAS QUANTO...

Fresca e desnuda,
Envoltas em véus
Vais saltar
De lugar a lugar
Sobre toda a cidade,
Porém não acabarás em minha cama.
Não. Não.
Vais sorrir
Enquanto dure sua súplica,
Luzindo efusiva e graciosa
Com teus melhores sorrisos de festa,
E vais animar,
Com seus gestos descontrolados
O enterro de quanto
Cristo caia a seus pés,
Sem deixar em teu rosto
Uma marca de lágrima
Que denuncie a inundação.

- lógico e inevitável –
que aguarda, impaciente,
por trás de seus olhos.
Desta maneira
Vais sobreviver
E vais ver
Que bom será.
Já estou imaginando
Quantos aplausos
Vais receber
Sobre os palcos
Desse teatro do mundo.
No alto de sua ausência mascarada
Que te aplaudam em pé.
Vais ser a eleita,
A única, a espetacular,
Com tantos admiradores
Como jamais imaginas,
Com fanáticos, lunáticos,
Que deliram por vós
E empresários do ramo
Que querem te contratar.
Vais ver que bem te vais fazer
Vais ver o que vais ganhar
Isso é o que mais me tranqüiliza,,
Sobretudo essa noite,
A de tua partida,
Porém, não me perguntes porque

Já que não tenho razões
Ou as tenho de sobra..
Fresca e desnudas,
Envoltas em véus
Vais saltar
De lugar a lugar,
Sobre toda a cidade
Para que todos acordem
E deslumbrem
Com a magia de seus encantos ,
Porém não acabarás em minha cama,
No.
Não esta noite.
É sua despedida.
Andes pelo mundo,
Eu te ordeno,
Que outros cobicem
Tua beleza,
E morram de boca aberta
Por teu amor...
Luz de meus olhos,
Tristeza minha.

DEIXA SUA MARCA

Enquanto a insônia
envolve o protagonista
Desta
História,
Agarra-te a mim,
Desesperada e egoísta.
Crava sua unhas
Na pele adormecida
De minhas costas
Até sangrar,
Deixa sua marca em mim
Para que sua lembrança fique
Na casa abandonada
Que é a minha memória.
Para que quando tenhas fome
Encha-me
Com a saliva de teus beijos
Não esquecidos.
Para que o dia
Em que eu deite,
Tenha plena consciência
De que este colchão também foi teu.
Para que o dia
Em que fique sem velas
(depois de ter queimado até a última lâmpada de 25 w.)
ilumine-me a saudade
de haver – te sonhado
um anjo radiante,
ou, de que obstinado
fiz minha imaginação crer
e, ao meu medíocre ego,
que tuas pernas eram o Teatro Colón,
o teus olhos negos
Consolo,
Para que quando me sintas
Velho,
Volte a memória
O juramento que fazias
Nunca ficarás sozinho.
Por favor,
Deixa marcas.
Fere-me ao ponto
Que, mais que cicatrizes,
Deixe-me chagas
Que nunca fechem.
Não me percas

Com teus gemidos
Entre os lençóis.
Agarre-te a mim.
Entre em minha mochila,
Em minhas roupas íntimas,
Na sujeira entre meus dedos,
Em meu sentimento
De inferioridade.
Por favor,
Deixa marcas.
Enquanto a insônia
Envolve o protagonista
Desta história,
Aloje-se em mim,
Como raízes em meus nervos
Faça parte de mim
Como se fossemos um
(sempre um)
que nem sequer me esqueça
no dia em que não coloque
as mãos no fogo
ao jurar
que poético foi justamente
fazer amor
no banheiro de um bar,
ou ter vomitado o vinho bebido,
a carne de meu desamor
no mesmo lugar.
Para estar sempre seguro
De que esta noite não é tormento
Senão alimento
Para apaziguar
O ruído de meu intestino,
Avarento de emoções.
Fica comigo,
Faça parte de meu sangue,
Como de meu lamento,
Não te vás, lembre,
Na desgraça desta casa,
Sem moradores e empoeirada,
Que é minha memória
Embriagada e sem esperanças,
Porque eu juro
Vou ser incapaz de falar contigo
Uma vez que decidas partir
E ficaremos parados
Um mais só que o outro.

PARA QUANDO CHEGAR O FIM

E se só restar o silêncio
Da insônia de uma calha
Que não se cansa de gotejar.
E se só restar para contar
Uma história sem história,
A noite perdida
De 40 cigarros
Fumados sem sentido.
E se só se tratar
De retratar sempre
A mesma paisagem sempre,
A mesma miséria sempre.
E se este coração dormir
Anestesiado
E sentido-se supérfluo
Bater de vagar,
Chorando uma falsa lágrima.
E se só restou para desfrutar
Esta paz de soníferos
Este canto tedioso,
Esta monótona melódia,
Esta saudade de dois lugares.
Para quando chegar
O final improvisado
Não ficará mais que um
“ resignado irmão”
para pagar
a entrada na eternidade
ou o nada
que nos espera.
Nos deixarão só
Os músculos cansados, só
Os lábios cansados, só
As mãos cansadas, só
Os dedos cansados, só
Para justificar
Esta ausência da existência
Que nunca nos cansamos
De dar por subentendida
Presente, medíocre
E ironicamente
Especial e eterna.

TIME IS OVER

Porque temos olhos
Que se recusam a ver
Além de nosso nariz.
Porque temos fome
Desesperadora de sonhos.
Porque estamos fartos
De não poder dizer “amor”,
Sem que esta palavra não nos faça lembrar
De uma cena de um filme.
Porque temos pernas
Que gritam desejos de correr livres.
Porque nossas mãos
São as mãos mais fortes,
Porém se detém inúteis.
Porque nossa boca cala.
Porque nossos olhos
Não choram,
Porque as raízes de nossos nervos
Sentem-se anestesiadas
Continuamente.
Ar,
Só um pouco ar.
Porque o céu é azul
E o herdamos negro
E ninguém reclama, caralho.
Porque já não temos sol.
Porque já não temos lua
Onde depositar
Nossa bagagem de sonhos.
Porque não temos noites estreladas,
E sim Noite de Estrelas.
Porque necessitamos
Que nos adoeça o sangue
Ou que ao menos
Não mudem mais da forma que está.
Porque a vida não é
um cenário de novelas classe “B”
Onde Romeo e Julieta
Jogam o jogo da vida e da morte
E ressuscitam no capítulo seguinte.
(conforme manda o roteiro)
Porque nossa existência
não se baseia somente
em comprar, comprar e comprar.
Uma e outra propaganda,
Uma e outra necessidade precíval,

Uma e outra bebida,,
Um e outro presidente.
Porque há a necessidade de liberdade
E do fluir do sangue.
Porque há vontades
De gritar “amor”
E nada mais.
Porque é injusto ter que pagar
Os pratos sujos
Depois de 2000 anos de decadência.
Porque não merecemos
Que nos tratem
Como gênios da nova era,
E nos enfiem o dedo no cu
Como querem.
Porque já nos cansou o traseiro
De tanto estar sentados
Assistindo a TV.
A merda que fizeram,
As que fazem e as que estão por fazer
Com o mundo,
Com o nosso mundo.
Ar,
Só um pouco de ar.
Nosso nariz respira tóxico
E não oxigena bem nosso cérebro.
Porque nos mantem dopados,
Com agulhas fincadas em todo o corpo
Anestesiando até os ossos.
Porque nos mantem atordoados.
Porque nos mantem sonolentos.
Ar,
Só um pouco de ar,
Que penetre nosso intelecto,
Para que nossos braços se ergam
- de uma vez por todas –
e acabem com esse pesadelo.
Porque já acabou a espera,
Porque alguém tem que tomar as rédeas
E dominar o assunto.
Porque nosso é o paraíso
Ou o chiqueiro que nos deixaram.
Porque nossa é esta terra.
Porque nossa é essa vida.
Porque acabaram os porquês.
Porque estamos vivos
E está acabando nosso tempo
E estão nos roubando o tempo

Nosso tempo.
Por essa luz que nos resta
Que se chama esperança,
E que segundo disse
O noticiário, essa manhã
Já não é de nossa propriedade.

INDICE

Autorretrato - Auto-retrato

1- Ahora - Agora

2- Alma - Alma

3- Plácidamente dormido – Dormindo tranqüilamente

4- El muerto - O morto

5- Imágenes congeladas de un invierno un tanto frío – Imagens congeladas de um frio inverno

6- Las pastillas para dormir - Soníferos

7- Frente al espejo – De frente ao espelho

8- 17 de agosto de 1997 - 17 de agosto de 1997

9- El espejo del alma – O espelho da alma

10- Los afortunados - Os afortunados

11- Algo acerca de la muerte – Algo sobre a morte

12- Un cigarrillo tras otro - Um cigarro após o outro

13- El motivo de mi canto - O motivo de meu canto ou (Porque canto)

14- Significa que no estás - Não estás

15- Con tantos admiradores que no puedas imaginártelo – Não imaginas quanto...

16- Deja tu marca - Deixa sua marca

17- Para cuando sobrevenga el final - Para quando chegar o fim

18- Time is over - Time is over

Agradecimento a Guido Olaguivel por seu apoio incondicional e desinteressado em minha obra.

Dedicado a Carla e Beto

Créditos

1ª edição eletrônica/ Abril de 2004

Copyright Gito Minore 2004

Traduções: Português – Cleidiner Ventura – Brasil

Original em Espanhol

CIELORRASOS

GITO MINORE

"La infelicidad del hombre se basa en una sola cosa: que es incapás de quedarse quieto en su habitación"

Blas Pascal

PROLOGO

Los poemas contenidos en este libro fueron escritos entre 1997 y 1999. Han sido originalmente publicados en un fanzine independiente llamado "Cielorrasos", editado entre Octubre de 1998 y Julio de 1999, que contó con solo 8 números más 2 especiales ("Algo acerca de la paz" y "Perdidos en el paraíso").

De los 66 poemas que contenía dicha colección 22 formaron "Fuego en el pecho", 18 se incluyen en esta edición y el resto es patrimonio del olvido. Comparto con ustedes, amigos lectores, esta primera edición electrónica de un libro de mi autoría.

Agradezco su lectura y difusión.

Gito Minore - Abril 2004

AUTORRETRATO.

Soy sólo lo que encierran celosas
estas cuatro paredes de mi infierno:
un ermitaño angustiado,
atormentado por la mancha de humedad
que lo mira omnipotente
desde lo alto del cielorraso.

AHORA.

Ahora que todos los caminos
desembocan en la boca del lobo,
que es esta desesperación
egoísta y mezquina.

Ahora que todas las paredes
desprenden indiferencia.

Ahora que ningún santo quiere
que se le encienda una vela.

Ahora que el corazón grita
y que las tripas se lamentan.

Ahora que nos quedamos
sin alas que vuelen alto.

Ahora que el destino
se volvió calvo

y le robó a Dios

los anteojos negros,

dejando al descubierto

que - sin lugar a dudas -

sus ojos tienen cataratas.

Ahora que ya no somos uno.

Ahora que nos es imposible

llorar, tanto como reír,

ya que la risa se quedó

haciendo dedo a mitad de ruta,

sin dinero y aterrorizada

por la noche.

Ahora que empeñamos

el último resto de alma

por un pedazo de estofado

a medio cocer.

Ahora que no nos salva

ni la magia ni la poesía,

ni el calor que desprende

el cuerpo del enemigo

durmiendo a nuestro lado,

después de una noche de agite.

Ahora que no somos uno,
sino dos pares de piernas
que caminan sin rumbo
por la oscuridad de Buenos Aires
y no se cruzan
nunca, jamás.

Ahora que la seguridad
es un asesino suelto
que viaja en colectivo
sentado a nuestro lado.

Ahora que descubrimos
que los catequistas
se quedaron cortos
con esa fantasiosa
imagen del infierno
que nos quisieron inculcar.

Ahora que devaluó
a el precio de plumas
el peso que cargamos
en la espalda.

Ahora que nadie da
un centavo por una canción nuestra
y que sabemos que todo
lo que alguna vez temimos
se volvió realidad.

Ahora que somos casi humanos
yo me pregunto, alma mía,
existe todavía la esperanza
de algún día encontrar el camino
que nos devuelva al paraíso
de donde fuimos secuestrados?
o es sólo el prólogo
de esta tragedia
que recién empieza
y que muchos se regodean
llamándola vida.

ALMA.

Se volvió un pasillo angosto,
de baldosas desaparejas,
de paredes desgarradas
por el tiempo y la humedad.
Un lugar insolente a la mirada,
donde la lluvia
moja las pocas plantas
que crecen
en viejas latas de pintura.
Se volvió un pasillo angosto,
donde de vez en cuando
- cuando no le duelen los riñones -
una vieja señora gorda
arrastra lentamente sus chancletas
para acercarse a encender
una vieja lamparita
que cuelga de una telaraña negra
y luego se vuelve a su casa,
incapaz de sentarse un rato
bajo ese ínfimo techito,
que no la cubre del agua.
Sienten pudor de pasar por ahí
hasta las ratas del galpón,
hasta las polillas, hasta la mugre
que empaña el aire.
Se volvió un lugar inhóspito,
un desierto en pleno Buenos Aires,
un agujero
en la pared de la noche.
Se volvió un pasillo angosto,
un pasillo que comunica
el hogar dulce hogar de la envidia
con una casa tomada por los gitanos,
pero eso sí,
ni siquiera uno de ellos
se anima a pasar

siquiera corriendo ebrio por ahí.
Sólo, de vez en cuando,
la señora gorda
se preocupa de ir
a encender la vieja lamparita,
no vaya a ser cosa
que se queme
y que nadie más,
nunca más,
bajo ningún pretexto
pueda llegar a afirmar
que ese pasillo angosto
alguna vez fue un alma.
mi alma.

PLACIDAMENTE DORMIDO.

Estaba dormido,
plácidamente dormido,
por eso no escuché
el ruido que hizo
doña Esperanza
ordenando las cosas de la mudanza,
cuando le remataron
el techo de mi casa.
Estaba dormido,
mientras los demás
salían a trabajar
con los bolsillos llenos
de malaria.
Estaba dormido,
pero no por haragancia,
el cansancio se había hecho notar
después de tanto tiempo
- por eso no me arrepiento -.
Estaba dormido,
cuando bajaron a tiros
a Cristo
y lo vendieron
como trofeo a la NASA.
Estaba dormido,
cuando declararon
impunes a los chorros,
amnistía a los asesinos,
libres bajo fianza
a los represores.
Estaba dormido,
mientras Dios vagaba
por detrás de las estrellas
buscando una excusa válida
para comenzar el juicio final
y que no lo terminen
mandando en cana a él.

Estaba dormido,
mientras mamá
trabajaba como esclava
para pagar
el alquiler de mi cama.
Estaba dormido,
mientras papá se emborrachaba
y se masturbaba mirando la CNN.
Estaba dormido,
y no me arrepiento,
merecía el descanso
después de tanto tiempo.
Estaba dormido,
mientras bombardeaban Irak,
mientras Coca Cola
te armaba un mundo
al que jamás íbamos a pertenecer,
mientras la alegría
estaba de franco
y fuera del barrio.
Estaba dormido
y no me arrepiento,
tan dormido
como nunca lo estuve.
Estaba plácidamente dormido,
cómodamente dormido,
profundamente dormido.
Y soñando que volvías a mí,
corazón,
a despertarme de mi ensueño
a los gritos
- como es tu costumbre -.

EL MUERTO

No cruzó la calle desprevenido.
No se bajó del tren en movimiento.
No abrió la heladera
con los pies descalzos.
No se patinó en la ducha.
No se entremezcló en un tiroteo.
No fué ladrón ni asaltado,
ni rehñen ni inocente.
No cayó en un ajuste de cuentas.
No entregó su vida por un ideal.
No participó en ninguna revolución.
No fue Cristo ni Judas,
ni Barrabás ni Magdalena.
No estaba enfermo.
No estaba en un hospital,
ni en un asilo ni en un geriátrico.
No tenía ni cáncer ni sida,
ni una tos ni una angina.
No ingirió comida en mal estado.
No le agarró el dengue.
No se le cayó un balcón encima.
No se acalabró en el río.
No se tiró del 10º piso.
No mezcló pastillas.
No se cortó las venas.
No se pegó un tiro.
Pero todos sabíamos
que ya estaba muerto,
desde hacía largo tiempo,
cuando lo encontramos
inmóvil mirando por la ventana
fumándose su trigésimo noveno
cigarrillo de la noche,
sin lágrimas en los ojos,
sin sangre en el cuerpo,

sin un mínimo rasguño
y con el corazón
aún latiendo.

IMAGENES CONGELADAS DE UN INVIERNO UN TANTO FRIO.

Un perro dormitando
junto a sus crías,
en la sala de entrada
de la guardia del Hospital Santojani.
Un travesti rasurándose las piernas
en la habitación del hotelucho,
antes de salir a buscar
el pan en la vereda.
Un colectivero de la línea 86
dándose un saque
en la estación terminal a las 2 de la mañana.
Un ciego cantando en el tren.
Un boliviano cantando en el tren.
Un lisiado cantando en el tren.
Las voces en la radio y la tevé,
las mismas voces vociferando
siempre el mismo producto.
Un pibito entrando al kiosco de la Cata
a comprarse 8 Guaymallén por un peso.
Una mujer de un metro cincuenta
con la cara roja y las manos frías,
yendo a su casa
con tres cajitas de Arizu en su bolsa
de hacer los mandados.
Las sonrisas del mundial.
Las sonrisas del Día del Padre.
Las sonrisas de Navidad, Año Nuevo y Reyes Magos.
Una chica de pelo lacio
con una gran cartera,
bajándose del colectivo
a media cuadra de la Universidad de la Matanza.
Cuatro o cinco chicos con flequillos
jugando al metegol
a las cinco de la tarde.
La madre de María Elena
revolviendo la olla

con el arroz para la abuela.
El pañal del bebé hecho un bollo.
El pañal del nono hecho un bollo, también.
Las mismas caras todos los días
bajándose del tren, comprándose un choripan,
atándose los cordones, rascándose la cabeza,
perdiendo el colectivo, esperando en la cola del banco,
esperando a que corte el semáforo,
esperando nuevamente a que baje
el Señor envuelto en rayitos de luz.
El tipo detrás del mostrador
vendiendo el número de la lotería,
el tipo del otro lado
pagando el billete con el resto
de su sueldo y de su esperanza.
El tipo detrás del altar
convirtiendo un pedazo de harina y agua
en la carne del resucitado,
las señoras de pelo blanco
observando el milagro desde la cuarta fila.
Las hojas secas de todos los árboles.
El porcentaje de la humedad
impregnado en las barandas
pintadas con antióxido.
La mugre, las telas de araña
obstruyendo la visión del mundo
en mi ventana.
Etcétera.
Etcétera.
Etcétera.

LAS PASTILLAS PARA DORMIR

Dios está aburrido,
pelotudeando entre las estrellas
sin saber que hacer,
lo suficientemente aburrido
y abstraído
como para no prestarle atención
al aspecto lamentable de su mundo
que se viene a menos.
Por eso no le dió importancia
a los miles y miles
de seres humanos
que día a día se preguntan
qué carajo están haciendo
parados aquí.
Por eso no leyó en los diarios
que la soledad
es la enfermedad incurable
de este nuevo milenio.
Dios debe estar tan aburrido
dentro de su apartada deidad
que hasta él debe tener problemas
de falta de personalidad.
Mirá sino
como deja que todo siga
su curso torpe,
que los autos patinen
por la avenida,
que la señora de enfrente
mueva su piecito descalzo
sobre la vereda
al ritmo de la canción
"El tedio de la vejestoria",
que los árboles crezcan
como si nada,
mientras en la casa vecina

la televisión no tenga
nada más que disculpas
para ofrecerle
a la juventud teledividente.
Pobre Dios,
lo compadezco,
que triste y lamentable
es verlo envejecer
entre sus pedos
de estómago empachado de hastío.
Mirá si el aburrimiento
no lo tiene sometido
y aturdido
que se terminó olvidando
cuál era el sentido
de habernos creado.
Por eso no te acomplejes
si estás sola
mirando por la ventana
cuál era la estrella
que nos iba a guiar
hacia nosotros,
cuando el tiempo de encontrarnos
estuviera cumplido,
y no la hallás
en la maraña de constelaciones
que tenemos
como cielorraso de nuestra existencia.
Yo tampoco la encuentro.
El pobre Dios
las revuelve todas
cada dos por tres
buscando matar su aburrimiento,
tratando de encontrar
donde dejó
las pastillas para dormir,
que perdió por distraído
boludeando
una de esas tardes eternas
hace tanto, tanto,
tanto, tanto tiempo.

FRENTE AL ESPEJO

Solo,
supuso saber
de donde provenía la tormenta.
Hecha de soledades solas,
de pedazos de cenizas,
de platos sucios
y de algún gemido
rebotando en la memoria.
Hecha de soledades acompañadas
de fríos veranos, inviernos,
primaveras, otoños y navidades,
de restos de comida
del día anterior.
Hecho de soledades premeditadas,
de gritos, de espamentos,
de silencios, de jadeos,
de corazones en papel de fiambre,
de bolsas de polietileno.
Hecho de soledades imprevistas,
de sordos cómo y cuándo,
de mudos porqués,
de dónde ausentes.
Hecha de soledad,
al fin y al cabo,
o bien de desamor,
de destierro,
de deseos desamparados,
de promesas estériles,
esterilizadas, esterilizantes.
Entonces,
no lo dudó más,
se compadeció de sí mismo
y frente al espejo
se lloró una lágrima,
una buena lágrima,
hecha de puro egoísmo.

17 DE AGOSTO DE 1997

Esta mañana no hay noticias,
excepto que el cielo está gris
y que algunos pájaros
todavía cantan.

Es un 17 de Agosto
como cualquier otro,
con algo de frío,
algo de humedad,
sin santo de la espada,
sin libertad para nadie
y sin ánimos de rebeldía.

Sobre los postes de luz
los cables cuelgan
y algunas gotas caen.

No deja de ser una madrugada
como cualquier otra,
común y silvestre,
lisa y llana,
sin sueño,
sin esperanza,
sin sangre derramada,
con resaca
y dolor de alma.

Excepto que San Martín
cumplió otro año de fiambre,
no hay más novedades
en esta madrugada.

Sólo podríamos agregar
que nos quedamos
un pedacito más rotos,
un poquito más solos,
un pasito más cerca
del borde del abismo,
por el simple hecho
de que pasó otro día.
nada más que eso.

EL ESPEJO DEL ALMA.

Es cierto,
crecimos atemorizados,
con tantos ojos vigilantes
la angustia sopló
su brisa de caricia
sobre la piel de gallina
y era lógico.
Hubieron tantos ojos
acechándonos,
que de la misma desesperación
empezamos a sentir que eran
cada vez más.
Hasta las paredes pestañeaban,
los pisos, las ventanas cerradas,
las medias sucias,
las botellas rotas,
las colillas de todos los cigarros,
víctimas del insomnio.
Todos clavaban su vista
con los ojos dilatados,
dislocados por su furia,
inapacible,
sobrellenando nuestros oídos
con su risa disonante.
Es cierto,
el terror se nos hizo carne
y caía de maduro
que nos volvamos luchadores
infatigables en la búsqueda
de ese pedacito de paz
que se nos había robado.
Nos volvimos aguerridos
utópicos, obsesivos,
paranoicos en su búsqueda.
Es cierto,
vivimos atemorizados,

con tantos ojos vigilantes,
resultaba hasta natural
que el desafuero finalmente
nos envuelva en las sábanas
de la insomne tortura de esperar
que todos esos ojos
quedarán ciegos como por milagro.
Y era lógico
que semejante dolor nos tenga
esperando las horas que esperamos
(que en definitiva no fueron tantas,
solamente las necesarias
para que fueran los nuestros
los ojos que se cierran).

LOS AFORTUNADOS.

La madrenoché nos parió en penumbras,
y crecimos bajo su tutela.
Nos amamantó hasta el hastío,
empapándonos los labios
y los oídos con su licor.
Fuimos protegidos.
Con el tiempo aprendimos
a aprender de la derrota
y a brindar por su memoria,
durante los buenos tiempos.
Aprendimos a sacarle el jugo al hueso,
a bebernos los zanjones
de lágrimas ajenas,
a no rezarle a nadie Padrenuestros.
Y, aunque más de una vez
nos arrojamos ciegos al vacío,
aprendimos a volar con cautela,
por eso nunca fuimos pobres
sino ricos en pobreza,
sobretudo desde el día
que se nos quedó grabado en la memoria
que del suelo nadie se cae.
Quién de nosotros
va a osar alguna vez
sentirse desvalido?
Sólo cuando la madrugada aclare
nos veremos piel y hueso,
pero estaremos, para esas alturas,
acostumbrados a dormir de día.
Somos afortunados.
La madrenoché nos parió en penumbras,
nos besó y nos bendijo
con el vino de su sabiduría
y nos mandó a marchar por el mundo
vestidos con la fuerza de su luto.

Quién nos puede lastimar
de ahora en más ?
Somos afortunados.
Fuimos protegidos
desde el primer día.

ALGO ACERCA DE LA MUERTE.

Inventamos paraísos, purgatorios e infiernos.
Inventamos reencarnaciones.
Inventamos cruces, estrellas
y talismanes,
a quien depositarles nuestros miedos.
Inventamos, inclusive,
hablar con los muertos,
preguntarle a los fantasmas
cómo continuar con este calvario.
Inventamos sufrimientos,
pequeños y grandes sacrificios,
en pos de saldar
nuestro propio arrepentimiento,
a nuestra falta de conciencia.
Inventamos santos que dan Pan y Trabajo,
gualichos que nos abren los caminos,
Testigos de Jehová que nos muestran
casas en el medio de la selva,
con leones y osos pandas,
comiendo en nuestras mismas mesas.
Inventamos alabanzas,
milagros y resucites,
oraciones, canciones,
comuniones, sanaciones,
bendiciones y unciones,
que nos labran un camino
de represiones, traiciones
y frustraciones
que supuestamente nos conducirán
a un lugar detrás de las nubes.
Pero no llegamos muy lejos.
Se nota nuestro subdesarrollo
y su falta de talento.
Todavía no tenemos
la capacidad de imaginar
un final semejante,
a la realidad que desconocemos
y nos acecha implacable
a cada momento.

UN CIGARRILLO TRAS OTRO.

La noche se vuelve
humedad pesada
calándose en los huesos del alma
y, parece mentira,
siempre la misma historia.
Un cigarrillo tras otro
y otra vez la escena del reencuentro
de mi falta de talento y de alimento
dándose la mano,
a ver si entre las dos
logran sacar el barco adelante.
Putá miseria,
esta vez se robaron los mapas
de la ubicación de un Kiosco abierto
donde tomarse un vino
en este laberinto sin salida.
Esta vez no hizo falta
que alguien nos indique
lo perdido que estamos,
fue simple intuición
luego de años de costumbre,
de más está decir
que nuestros pies ya conocen el camino
del callejón del mareo eterno,
de la ruta a la deriva,
del destino desamparado.
Un cigarrillo tras otro
y otra vez la escena del reencuentro
de mis ojos vacíos y fijos
en la ventana abierta
hacia una nada indiferente:
la misma postal de Bs. As.
de siempre,
siempre, siempre, siempre.

EL MOTIVO DE MI CANTO.

Tal vez porque el destino
necesita de mi canto.

Tal vez porque hay un hambre
tan grande dentro de este infierno
que ni el pan lo calma.

Tal vez porque veo Buenos Aires
amanecer en desgracia,
con la simple imagen
de estos cables de luz
cruzando el invierno de su cielo.

Tal vez porque necesito creer,
porque preciso la fuerza
para no dormirme
en la cama del hastío cotidiano.

Tal vez porque dependo
del fluir de estas palabras
para penetrar tu fortaleza
y acunarme en tu corazón.

Tal vez porque sea el único remedio
que me da la oportunidad
de llorar por amor.

Tal vez porque soy tan mediocre
que me atajo en esta excusa
para no entrar
en la rueda gigante de la mediocridad,
vulgar y legalmente consentida.

Tal vez porque se me acalambran
los músculos del alma
cuando me niego a gritar
con la voz de la tinta.

Tal vez porque sea así,
simplemente,
porque indispensables estas palabras me resultan
para mendigar con categoría
un paseito por las viñas del cielo
y tomarme ahí, algún que otro vino
con Dios.

Tal vez porque estoy bendito
o maldito con este don
y/o defecto.
Tal vez porque de no ser así
el resto de esta historia
no tendría sentido.
Quizás por eso
o por muchas cosas más
es que yo canto,
porque necesito de este dolor
de parir canciones
mucho más de lo que necesitaría
de las caricias para alivianarlo.
Tal vez porque el destino
simplemente me puso en su camino,
porque requería de mi canto
para hacérselo más entretenido
y no tengo otro remedio.
Qué se yo.

SIGNIFICA QUE NO ESTAS

La ventana abierta
desnudando la ciudad
y sus techos petisos.
Las medias sucias
decorando el ambiente
donde sobrevivo.
La telaraña que sostiene
mi sonrisa ida
junto con mis años mozos.
El humo del cigarro
corrompiendo el ya pertrecho
olor de mi encierro.
Mi colección de clásicos de bolsillo
con la nostalgia ajena
consolándome por las noches.
El recuerdo de tu beso de despedida.
La tristeza que vuelve
para instalar su kiosco
dentro de mi corazón.
Las paredes que me duermen
con su sórdido arrorró.
Mi esperanza enterrada
en las tumbas del ayer.
Y todo lo que me olvido
en un acto de arrojo
de piedad propia.

CON TANTOS ADMIRADORES QUE NO PUEDES IMARGINARTELO.

Fresca y desnuda,
esta velada
vas a saltar
de terraza en terraza,
sobre toda la ciudad,
pero no acabarás en mi cama.
No. No.
Vas a sonreír
mientras dure la plegaria,
luciéndote efusiva y jocosa
con tus mejores sonrisas de fiesta,
y vas a animar,
con tus ocurrencias desubicadas,
el entierro de cuanto cristo
se desplome a tus pies,
sin dejar en tu rostro
filtrar una gotera
que delate la inundación
- lógica e inevitable -
que aguarda impaciente
detrás de tus ojos.
Vas a sobrevivir
de esta manera,
y vas a ver
que bien te va a ir.
Ya me estoy imaginando
cuantos aplausos
te vas a robar,
sobre las tablas
de este teatro de mundo,
al tope de ausencias enmascaradas,
que te ovacionan de pie.
Vas a ser la elegida,
la única, la espectacular,
con tantos admiradores
como no puedas imaginarte,

con fanáticos, lunáticos,
que deliren por vos
y magnates de este negocio
que se peleen por contratarte.
Vas a ver que bien te va a ir,
vas a ver que lo vas a lograr.
Eso es lo que más me tranquiliza,
sobre todo esta noche,
la de tu partida,
pero no me preguntes por que
ya que no tengo razones,
o bien me sobran.
Fresca y desnuda,
esta velada
vas a saltar
de terraza en terraza,
sobre toda la ciudad,
para que todos se despierten
y deslumbren
con los encantos de tu magia,
pero no acabarás en mi cama,
no.
No esta noche.
Es tu despedida.
Marchate por el mundo,
te lo ordeno,
que otros codicien
tu belleza,
y mueran desbocados
por tu amor...
luz de mis ojos,
tristeza mía.

DEJA TU MARCA.

Mientras el insomnio
cubra el protagónico
de esta
historia,
aférrate a mí,
desesperada y egoísta.
Clavá tus uñas
en la piel adormecida
de mi espalda
hasta sacarle hilos de sangre,
dejame grabado tu marca,
para que tu recuerdo subsista
en la casa desvalijada
que es mi memoria.
Para que el día que tenga hambre
me llene pipón
la savia de tus besos
no olvidados.
Para que el día
en que me duerma,
tenga plena consciencia
de que esta almohada
alguna vez también fue tuya.
Para que el día
en que me quede sin velas
(después de que se me haya quemado
hasta la última lamparita de 25)
me alumbre la añoranza
de haberte soñado
un ángel radiante,
o, de que me haya empecinado
en hacerle creer a mi imaginación
y, a mi mediocre ego,
que tus piernas eran el Teatro Colón,
o tus ojos negros
consuelo.

Para que cuando me sienta
demasiado viejo,
se me vuelva presente
el conjuro que rezaba
nunca vas a estar solo.
Por favor,
dejá marcas.
Lastimame al punto
que más que cicatrices
me dejes llagas
que nunca cierren.
No te me pierdas,
como tus gemidos
entre las sábanas.
Átate a mí.
Metete en mi mochila,
en mi ropa interior,
en la mugre entre mis dedos,
en mi sentimiento
de inferioridad.
Por favor,
dejá marcas.
Mientras el insomnio
cubra el protagónico
de esta historia,
instálate en mí,
arraigate a mis nervios,
cosa que se me encarne
el hecho de que somos uno
(siempre uno)
que ni siquiera se me olvide
el día que no ponga
las manos sobre el fuego
al jurar
que poesía fue justamente
hacerte el amor
en el baño de un bar,
o haber vomitado,
mezclado con vino,
la carne de mi desamorío
en el mismo lugar.
Para estar siempre seguro
de que esta noche no es tormento
sino alimento
para apaciguar
el ruido de mis intestinos,

angurrientos de emociones.
Quedate conmigo,
sé parte de mi sangre,
como de mi lamento,
no te pierdas, recuerdo,
en la desgracia de esta casa,
sin moradores y empolvada,
que es mi memoria
beoda y desesperanzada,
porque te juro
que voy a ser incapaz de hallarte
una vez que decidas partir
y nos hallamos quedado
uno más solo que el otro.

PARA CUANDO SOBREVENGA EL FINAL

Y si solo queda silencio,
el insomnio de una canilla
que no se cansa de gotear.
Y si solo queda por contar
una historia sin historia,
la noche nula
de 40 cigarrillos
aplastándose sin sentido.
Y si solo se trata
de retratar siempre
el mismo paisaje siempre,
la misma ventana siempre,
la misma miseria siempre.
Y si este corazón se durmió
de anestesia local
y se siente superfluo
latiendo a medio motor,
llorando a lágrima falsa.
Y si solo quedó por disfrutar
esta paz de lexotamil,
este canto tedioso,
esta melodía monótona,
esta soledad de dos plazas.
Para cuando sobrevenga
el final improvisado
no quedará más que un
" resignese hermano "
para pagar
la entrada a la eternidad,
o a la nada
que nos espere.
Nos quedarán solo
los músculos cansados, solo
los labios cansados, solo
las manos cansadas, solo

los dedos cansados, solo
para justificar
esta ausencia de existencia
que nunca nos cansamos
de dar por sobreentendida
presente, mediocre
e irónicamente
especial y eterna.

TIME IS OVER.

Porque tenemos ojos
que se rehusan a no ver
más allá de nuestras narices.
Porque tenemos hambre
desesperante de sueños.
Porque estamos hartos
de no poder decir “amor”,
sin que esa palabra no nos recuerde
a un comercial trillado.
Porque tenemos piernas
que gritan ansias de correr libres.
Porque nuestras manos
son las manos más fuertes,
pero se detienen inútiles.
Porque nuestra boca calla.
Porque nuestros ojos no lloran,
porque las raíces de nuestros nervios
se sienten anestesiados
continuamente.
Aire,
sólo un poco de aire.
Porque el cielo es azul
pero lo heredamos gris
y no hay reclamos, carajo.
Porque ya no tenemos sol.
Porque ya no tenemos luna
donde depositar
nuestro bagayo de sueños.
Porque no tenemos noches estrelladas,
sino *Noche de Estrellas*.
Porque necesitamos
que no nos enfermen la sangre
o que al menos
no la pudran más de lo que está.
Porque la vida no es
el escenario de la telenovela clase B

donde Romeo y Julieta
juegan a vivir y morir
y resucitar en el siguiente capítulo
(según lo demande el rating).
Porque nuestra existencia
no se base solamente
en comprar, comprar y comprar
una y otra propaganda,
una y otra necesidad percedera,
una y otra gaseosa,
uno y otro presidente.
Porque hay ansias de libertad
y de fluir de sangre.
Porque hay ganas
de gritar amor
y nada más.
Porque es injusto tener que pagar
los platos rotos
después de 2000 años de decadencia.
Porque no nos merecemos
que nos traten
como a genios de la nueva era,
y nos metan el dedo en el culo
como quieran.
Porque ya se nos cansó el traste
de tanto estar sentados
mirando por T.V.
la mierda que hicieron,
la que hacen y que están por hacer
con el mundo,
con nuestro mundo.
aire,
sólo un poco de aire.
Nuestra nariz respira tóxico
y no se nos oxigena bien el cerebro.
Porque nos mantienen dopados,
con agujas clavadas en todo el cuerpo
llevándole somnífero hasta el esqueleto.
Porque nos mantienen atontados.
Porque nos mantienen adormilados.
aire,
sólo un poco de aire,
que despeje nuestro intelecto,
para que nuestros brazos se alzen
- de una vez por todas -
y acaben con esta pesadilla.

Porque ya se acabó la espera,
porque alguien tiene que tomar las riendas
y domar el asunto.
Porque nuestro es este paraíso
o el chiquero que nos dejaron.
Porque nuestra es esta tierra.
Porque nuestra es esta vida.
Porque se acabaron los porqués.
Porque estamos vivos
y se nos está acabando el tiempo
y nos están robando el tiempo
nuestro tiempo.
Por eso hay que luchar.
Por ese cachito que nos queda
que se llama esperanza,
y que, según dijo
el noticiero esta mañana
ya no es de nuestra propiedad.

INDICE

Autorretrato

- 1- Ahora
- 2- Alma
- 3- Plácidamente dormido
- 4- El muerto
- 5- Imágenes congeladas de un invierno un tanto frío
- 6- Las pastillas para dormir
- 7- Frente al espejo
- 8- 17 de agosto de 1997
- 9- El espejo del alma
- 10- Los afortunados
- 11- Algo acerca de la muerte
- 12- Un cigarrillo tras otro
- 13- El motivo de mi canto
- 14- Significa que no estás
- 15- Con tantos admiradores que no puedas imaginártelo
- 16- Deja tu marca
- 17- Para cuando sobrevenga el final
- 18- Time is over

Agradecimiento a Guido Olaguivel por su apoyo incondicional y desinteresado a mi obra.

Dedicado a Carla y Beto.

Creditos

1ª edición electrónica Abril 2004

Copyrigh Gito Minore 2004

Sobre o Autor

O Poeta Gito Minore...

é argentino, nascido em Buenos Aires, em 1976. Publicou seu primeiro livro de poesias "Emociones Alternas" em 1995, depois disso publicou outros livros de poesias todos de forma independente. Participa desde 1994 de diversas publicações culturais com poemas, contos e artigos. Em 2002 lançou seu primeiro CD, uma obra musical que inclui 12 dos poemas de seu livro "Fuego en el Pecho".

Gito Minore nació...

en la ciudad de Buenos Aires, el 24 de abril de 1976.

Publicó su primer libro de poemas "Emociones Alternas" en mayo de 1995, al que le siguieron "La Copa Rota" (oct. '95), "Noventas" (1996), "Walking Alone" (1997) y "Fuego en el Pecho" (1999), todos editados y distribuidos de forma independiente.

Desde 1994 hasta la fecha colaboró con poemas, cuentos y notas de forma alternada en diversas publicaciones culturales y barriales. Asimismo durante el período '99-'01 escribió en la revista El Acople, destinada al circuito underground, una columna de humor. Además, parte de su obra poética fue publicada en diversas revistas electrónicas.

Poemas de su autoría participaron en las antologías "Senderos" (ed. See '95) y "A dos años del 2000" (ed. 3+1 '98).

En julio del año 2000, el autor recibió una distinción por parte del Círculo Literario Mitre (Secretaría de Cultura de la ciudad de Azul) por su obra "Fuego en el Pecho".

En el año 2002 edita su primer CD, obra musical que consta de 12 poemas de su último libro, recitados por el poeta sobre música compuesta por Gustavo Zavala. El mismo se estuvo presentando en bibliotecas de Buenos Aires, y está siendo editado en cassette por el sello independiente Kaín y Abel Diskos de Bolivia.

Se prevee para abril del año 2003 la publicación de su sexto libro de poemas "Flores

Contatos:

Site WEB: <http://www.gitominore.cjb.net/>

e-mail: gitomin@yahoo.com.ar

Sobre a Tradutora

A tradutora:

Cleidiner Ventura, conhecida na internet por Anjo, é Brasileira, advogada, poetisa, com poemas publicados em vários sites por todo o mundo; Um de seus poemas: “Tietê, magia e esperança”, foi publicado no Livro – Tietê, o rio de São Paulo, da editora Ânima Cultural, impresso e distribuído por Montanha, editora S/A, na ocasião dos 450 anos da Cidade de São Paulo – 25.01.2004. Mantém quatro sites na Internet, todos visando a cultura, literatura e as artes de um modo geral:

Contatos:

Sites WEB: <http://asasdeumanjo.webcindario.com>
<http://poetasbrasil.webcindario.com>

Visite nosso sítio WEB:



Cultura pura. Sem comércio, sem propaganda, aqui só importa a qualidade da obra

e-Books gratuitos,

Literatura,

Artes Plásticas,

Folclore,

Arte Regional,

Temas em Debate

Conheça nossa seção especial:



o portal do Romantismo Brasileiro e Mundial,

onde você encontra gratuitamente e sem propaganda:

publicações, e-books, downloads, consultas on-line, resumos, biografias, bibliografias, artigos.

romantismo.org



Diretor Geral

[André Carlos Salzano Masini](#)

casadacultura.org

